



RACISMO E DISCRIMINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA
REALIDADE CAMUFLADA

LILIANE TAVARES DA SILVA

GUARABIRA – PB
2011

LILIANE TAVARES DA SILVA

**RACISMO E DISCRIMINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA
REALIDADE CAMUFLADA**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia sob orientação da Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

**GUARABIRA – PB
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

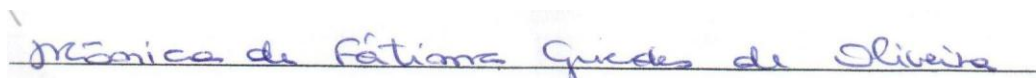
S587r	<p>Silva, Liliane Tavares da</p> <p>Racismo e discriminação na educação infantil: uma realidade camuflada / Liliane Tavares da Silva. – Guarabira: UEPB, 2011. 21f.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.</p> <p>“Orientação Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira”.</p> <p>1. Racismo 2. Preconceito 3. Educação Infantil I.Título.</p> <p>22.ed. CDD 320.56</p>
-------	--

LILIANE TAVARES DA SILVA

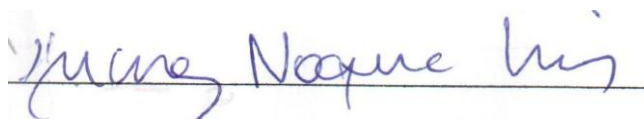
RACISMO E DISCRIMINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA
REALIDADE CAMUFLADA

Aprovada em 30 de Novembro de 2011

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
(Orientadora)



Prof^o. Dr. Juarez Nogueira Lins
(Examinador)



Prof^o. Ms. José Otávio da Silva
(Examinador)

**GUARABIRA – PB
2011**

A meus pais e esposo, que sempre me apoiaram e confiaram em mim;
A meus irmãos e parentes;
Aos colegas de turma e de trabalho;
A todos que lutam por uma educação e sociedade mais justa e igualitária;
Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pelo dom da perseverança e por ter permitido que eu concluísse este curso e superasse todos os obstáculos;

A minha família e ao esposo Orlando, que sempre foram compreensíveis, pacientes e me apoiaram em todos os meus projetos;

Aos professores da UEPB pelos ensinamentos, especialmente a Mônica de Fátima Guedes de Oliveira, minha orientadora, Juarez Nogueira Lins e José Otávio da Silva.

A Creche Tia Luisa por permitir a realização da pesquisa;

A Universidade Estadual da Paraíba por oferecer o curso de Pedagogia;

A meus colegas da turma 2007.1 de Pedagogia.

A todos,

Muito obrigada!

RESUMO

Com a escravização dos africanos surgiram vários mitos sobre uma suposta inferioridade do negro em relação ao branco, como forma de demonstrar que eles eram e são inferiores aos brancos. “O fato de ser branco foi assumido como condição humana normativa e o de ser negro necessitava de uma explicação científica” (MUNANGA, 1984). Com isso várias expressões preconceituosas foram disseminadas na convivência do negro com o branco, causando a discriminação racial e o racismo. Este artigo tem por objetivo discutir o racismo na sociedade e nas escolas, especificamente numa creche, como forma de ajudar a desenvolver uma consciência crítica nos professores e nos alunos, já que “é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integridade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias” (RIBEIRO, 2004). . Mesmo na educação infantil, é necessário prestar a atenção para as práticas racistas, embora que muitas vezes, pareçam/sejam inconscientes. Para isso, realizou-se uma entrevista com as monitoras de uma creche, para verificar as possíveis práticas de racismo e discriminação existentes na educação infantil. Conclui-se que na educação infantil algumas práticas racistas foram observadas.

PALAVRAS – CHAVE: racismo – preconceito – discriminação racial – educação infantil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	9
1-RACISMO: UMA BREVE INTRODUÇÃO-----	10
1.1-O Racismo nas instituições escolares-----	12
2-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA-----	15
2.1-Sujeitos-----	15
2.2-Instrumentos-----	15
2.3-Procedimentos-----	16
3-ANÁLISE-----	16
3.1-Racismo na Creche Tia Luisa. Será possível?-----	16
4-CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	19
5-RACISM AND DISCRIMINATION IN THE INFANTILE EDUCATION: A CAMOUFLAGED REALITY-----	20
5.1-Abstract-----	20
5.2-Keywords-----	21
6- REFERÊNCIAS-----	21

As crianças aprendem o que vivem

Se a criança vive com críticas, ela aprende a condenar.
Se a criança vive com hostilidade, aprende a agredir.
Se a criança vive com zombaria, aprende a ser tímida.
Se a criança vive com humilhação, aprende a se sentir culpada.
Se a criança vive com tolerância, aprende a ser paciente.
Se a criança vive com incentivo, aprende a ser confiante.
Se a criança vive com elogios, aprende a apreciar.
Se a criança vive com retidão, aprende a ser justa.
Se a criança vive com segurança, aprende a ter fé.
Se a criança vive com aprovação, aprende a gostar de si mesma.
Se a criança vive com aceitação e amizade, aprende a encontrar amor no mundo!

Dorothy Low Nolte

INTRODUÇÃO

Desde que os negros aqui chegaram e foram escravizados que vêm sendo excluídos pela sociedade, mal tratados e discriminados, por serem considerados inferiores aos brancos. Vários mitos foram criados e disseminados para desvalorizá-los. Esses mitos não diferem homens, mulheres ou crianças, basta apenas ter uma quantidade a mais de melanina ou não estar dentro dos padrões europeus para sofrerem humilhação e discriminação, ainda hoje.

Pesquisas, estatísticas e noticiários comprovam a existência de uma grande desigualdade social no Brasil, fruto de uma estrutura econômica injusta que gera a exclusão social e desigualdade socioeconômica sofrida por uma parcela da população, caracterizada por grupos por grupos minoritários como pobres, mulheres, gays e negros. Estes últimos, como sendo a herança deixada pela escravidão.

Várias são as expressões estereotipadas para discriminar o negro, criando um perfil de povo vagabundo, incompetente, anticiência, marginal, animal, incapaz de fazer algo, que não seja através do branco, entre outros termos pejorativos.

Da convivência dos brancos com os negros foram construídos também, vários conceitos como racismo, discriminação, preconceito, entre outros. Conceitos esses, utilizados até hoje para menosprezá-los.

Jornais, revistas, propagandas, literaturas, filmes, novelas, enfim, até os livros didáticos e discurso dos professores, são meios de reprodução e disseminação do racismo e discriminação racial, uma vez que supervalorizam o povo branco e inferiorizam a existência do negro e sua importância na formação do povo brasileiro e da cultura do Brasil. E, a escola, é claro, é um dos ambientes onde mais circula esses meios de comunicação, passando assim, a reproduzir os estereótipos e, conseqüentemente o racismo. Mesmo sem perceber e de uma forma sutil os professores reproduzem esses discursos, seja através da fala, seja através de imagens, que, aliás, dificilmente se encontram nessas instituições, desenhos, painéis ou imagens de negros.

Então como professora de escola pública, atuante no ensino fundamental, mas que já atuei na Educação Infantil; e também sendo especialista em Literatura e Cultura Afro-brasileira, vejo a necessidade de discutir o tema também na Educação Infantil, já que as crianças, nessa fase, começam a se desenvolver espelhando-se num adulto em quem elas confiam.

Será que há racismo no Brasil? Como surgiu o racismo? E, nas escolas, será que também existe racismo e discriminação. E as creches? Há racismo entre as crianças de creche? Esses são alguns questionamentos que embasarão esse artigo e procuraremos responder para desconstruir o racismo e evitar equívocos. E para que o professor tenha uma consciência crítica e desenvolva-a também nos seus alunos, desde cedo.

E assim, atender nosso objetivo: discutir a questão do racismo na educação. Especificamente em creches, lugar onde favorece a construção de identidades e de cidadania.

1-RACISMO: UMA BREVE INTRODUÇÃO

O racismo é entendido como um conjunto de opiniões pré-concebidas, cuja principal função é valorizar as diferenças biológicas entre brancos e negros, principalmente, acreditando-se na existência de povos superiores e inferiores de acordo com sua origem étnico-racial.

A palavra racismo designa um comportamento de hostilidade e menosprezo em relação a pessoas ou grupos humanos cujas características intelectuais ou morais, consideradas “inferiores”, estariam diretamente relacionadas à suas características “raciais”, isto é, físicas ou biológicas. Surgiu no âmbito da sociedade ocidental do século XVIII, quando esta se apoiou em pretensas bases científicas para explicar as diferenças entre os seres humanos e justificar a dominação exercida pelos europeus sobre os povos de outros continentes durante a expansão colonial. O argumento consistia em considerar que o poder de uns sobre outros não era fruto do acaso, mas resultado de um processo que se podia explicar por meio da ciência. (BORGES, MEDEIROS, D’ADESKY, 2002, pp. 39/40).

O racismo não é uma teoria científica, embora seja um fenômeno universal e que muitos cientistas tentaram comprovar por meio das suas teses a supremacia do branco em relação ao negro. “O fato de ser branco foi assumido como condição humana normativa e o de ser negro necessitava de uma explicação científica.” (MUNANGA, 1984, p. 41).

Durante muito tempo o racismo foi disseminado como doutrina e difundido pelos meios científicos e religiosos, que tentavam acondicionar o negro a extremos atos de humilhação, segregação, tortura física e psicológica, entre outras. Segundo Santos, (2005, p.13), “o racismo assenta numa falsidade científica, o que torna fácil a qualquer colegial bem

informado desmontá-lo”, mesmo que tenha sido construído num longo processo histórico, social e cultural.

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato de olho, etc. Ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira. Exemplo disso são as teorias raciais que serviam para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e discriminação racial. (MUNANGA, 2006, p. 58).

Alguns estudiosos como Edson Borges, Carlos Alberto Medeiros e Jacques d’Adesky (2002), citados por Munanga (2006), afirmam que o racismo se expressa de duas formas interligadas: a individual e a institucional. Na forma individual, o racismo revela através de atitudes discriminatórias cometidas por um indivíduo contra outro, seja com violências e agressões, com a destruição de bens ou propriedades ou até mesmo com assassinatos.

O racismo, na forma institucional, é manifestado por práticas discriminatórias sistemáticas estimuladas pelo governo ou com seu apoio indireto através da marginalização dos negros na sociedade, do isolamento deles em bairros periféricos sem direito a escolas, sem chances de emprego. E ainda, em livros didáticos, onde apresentam imagens de negros desfigurados e estereotipados ou que omitem a história do povo negro no Brasil.

Pode-se perceber ainda a manifestação institucional do racismo, nas propagandas, publicidades, novelas e outros meios de comunicação, que retratam o negro vivendo uma história de discriminação e subordinação. Tentam enquadrá-lo socialmente, mas em condições precárias e de subemprego. Sempre em posições inferiores aos brancos.

Há ainda o racismo cultural, que estabelece uma doutrina de hierarquização da cultura européia, e conseqüentemente, uma desvalorização e rejeição da cultura africana, nas suas diferentes formas de manifestação cultural, impossibilitando a cooperação entre etnias, povos e nações de todo o mundo.

No nível cultural, pode ser entendido como a expressão individual e institucional da superioridade da herança cultural de um grupo étnico-racial com relação a outro; ou seja, o racismo se expressa na cultura quando todos os saberes produzidos pelas sociedades milenares africanas, por exemplo, não têm o valor cultural de saberes greco-romanos. (SILVA, 2001, p.77).

O racismo cultural se manifesta diariamente, quando se dá preferência a todo tipo de manifestação cultural européia ou branca e despreza toda forma de cultura africana. Essa

preferência resulta na desvalorização da cultura africana, negando a existência desse elemento na formação cultural brasileira.

Segundo Potter (1973 apud FAZZI, 2006, p. 89) há oito mecanismos gerais de transmissão do racismo: 1) a família, através de conversas entre adultos e crianças; 2) sutis pistas de comportamentos fornecidas pelos adultos como demonstração de raiva, orgulho, por exemplo; 3) comentários entre os grupos de brincadeiras ou da escola; 4) admiração, por outros, da aparência pessoal da criança por meio de elogios à cor do cabelo ou dos olhos; 5) associações culturais e simbólicas das cores, sendo o branco/ alvo comparado positivamente e preto/negro, negativamente; 6) material de leitura infantil estereotipado, tanto os livros didáticos quanto os de Literatura; 7) meios de comunicação de massa; 8) observação feita pela criança da ocupação racial de papéis sociais.

1.1-O Racismo nas Instituições escolares

Como se sabe, o racismo pode se manifestar através de vários meios, seja por gestos, discursos ou atitudes. E, mesmo que se tente negar a existência do racismo na sociedade, não se pode “fechar os olhos” para essa realidade. Pois hoje se tem discutido muito a respeito dessa conduta social e, diariamente os noticiários apresentam reportagens de desrespeito com as pessoas, principalmente as afro-descendentes, comprovando assim a existência do racismo na nossa sociedade.

As instituições escolares não estão livres do racismo, da discriminação e do preconceito racial, já que são lugares, onde o saber, a cultura, o exemplo, a cidadania, entre outros, são transmitidos e/ou ensinados.

O racismo está presente em algumas situações do dia a dia das escolas, por exemplo, ao tratar uma criança com apelidos e expressões no diminutivo ao se referir a sua cor ou tipo de cabelo. Quando os professores negam a existência do racismo na escola ou a presença de crianças negras em sala de aula, ou impedem a participação delas em algumas atividades, mesmo assim, estão praticando o racismo.

Um olhar superficial sobre o cotidiano escolar dá margem à compreensão de uma relação harmoniosa entre adultos e crianças; negros, brancos. Entretanto, esse aspecto positivo torna-se contraditório à medida que não são encontrados no espaço

de convivência das crianças cartazes, fotos ou livros infantis que expressam a existência de crianças não-brancas na sociedade brasileira. Dessa maneira, o espaço escolar reproduz o modelo de beleza branca/européia predominante nos meios de comunicação e na vida social. A ocorrência desses acontecimentos também na escola parece confirmar às crianças uma superioridade do modelo humano branco. (CAVALLEIRO, 2001, p. 145).

Muitas escolas não valorizaram o povo negro e sua cultura. É comum se chegar a uma escola e ver que não há nada que revele ou que valorize a cultura negra ou o papel dos africanos na história brasileira. É comum também ver em muitos livros didáticos, somente a história da Europa no Brasil, dos colonizadores, dos vencedores, todos brancos.

A história do Brasil que contam muitos dos livros que chegam às escolas é uma história de lutas e de heróis brancos, todos colonizadores. Pouco se fala sobre os negros, a não ser como escravos. Não se fala das lutas de libertação e resistências do povo negro no período da escravidão e contemporâneo; dos heróis e guerreiros como Zumbi dos Palmares, por exemplo. Ocultam a história dos Quilombos, dos reis e rainhas da África; não expõem a vida dos negros como homens livres no continente africano, antes de serem, aqui, escravizados. Omitem a história dos negros e enaltecem a dos brancos colonizadores.

No livro didático a humanidade e cidadania, na maioria das vezes, são representadas pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os povos indígenas, entre outros, são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar sua existência. (SILVA, 2001, p. 14).

O negro, em muitas obras, ainda é reconhecido como escravo, no dia 13 de maio; é remetido ao trabalho brutal e escravo, aos serviços das lavouras e domésticos. Mostra-se um povo sofrido, amargurado, passivo, sem importância e valor algum para a sociedade brasileira. Em compensação, enaltecem a princesa Isabel pela “Libertação dos Escravos”, ignorando as manifestações, resistências e lutas do povo africano e dos abolicionistas.

Ou ainda, fala-se no negro no dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, mas de forma superficial, sem saber a significação dessa data para os não-brancos. Pouco se sabe ou se fala sobre Zumbi ou sobre os Quilombos. Não reconhece o Zumbi como herói dos escravos, como um mártir. Não se procura nessa data, promover a reflexão sobre a igualdade racial; as condições sociais e precárias que vivem os afro-descendentes; não se tenta desconstruir os preconceitos e os estereótipos acerca da cultura africana, dos mitos sobre Zumbi, que para muitos não passa de um fantasma. Ao contrário, reforçam, através das exposições, muitas vezes artísticas, o racismo e a discriminação com os afro-descendentes.

Não ser visível nas ilustrações do livro didático e, por outro lado, aparecer desempenhando papéis subalternos, pode contribuir para a criança que pertence ao grupo étnico/racial invisibilizado e estigmatizado desenvolver um processo de auto-rejeição e de rejeição ao seu grupo étnico/racial. (SILVA, 2001, p. 18).

Ao longo da história, o Brasil desenvolveu um modelo excludente, impedindo que milhões de brasileiros tivessem acesso à escola ou nela permanecesse. Durante muito tempo, os negros eram proibidos de freqüentar as escolas.

A diversidade étnico-racial e cultural brasileira era (e ainda é) negada nas escolas. As instituições educacionais brasileiras ainda possuem uma realidade marcada por posturas e discursos, direta ou indiretamente, de preconceito, racismo e discriminação contra a população negra, que historicamente, sempre foi impedida de ingressar ou permanecer nas escolas.

A escola segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é um espaço privilegiado para promover a igualdade e a eliminação de todas as formas de discriminação e racismo, já que se trata de um espaço de convivência de diferentes etnias, religiões e outras manifestações culturais.

Os PCN propõem uma educação comprometida com a cidadania, que construa uma sociedade justa e solidária, livre de preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Para isso, elegeram baseados na Constituição, os seguintes princípios: dignidade da pessoa humana, que repudia qualquer tipo de discriminação; igualdade de direitos; participação e co-responsabilidade pela vida social. Para viver democraticamente, segundo os PCN, é necessário respeitar os diferentes grupos e culturas que constituem uma sociedade plural, como o Brasil.

A educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integridade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. (RIBEIRO, 2004, p. 7).

A fim de corrigir as injustiças, eliminar as discriminações e o racismo e promover a inclusão social e a Cidadania para todos, o Ministério da Educação, (MEC) formulou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico – Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana com intuito de mobilizar toda a sociedade para a democratização da educação e ajudar o professor a

reconhecer e entender o racismo e procurar meios de ajudar no combate à discriminação da população negra e eliminação das práticas racistas na escola.

Este documento minimizou, mas ainda falta muito para uma verdadeira democracia racial no país.

2-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi de cunho Qualitativo e interpretativista onde se analisa textos de entrevista e em seguida, realizou-se a tabulação dos dados coletados. Confrontou-se esses dados com as leituras teóricas e em seguida, buscou-se as interpretações possíveis sobre a temática em destaque.

Segundo Gonsalves, (2007, p.69), a pesquisa qualitativa preocupa-se em compreender, em interpretar os fatos considerando o significado que os outros dão às suas práticas.

2.1.Sujeitos

Participaram dessa pesquisa 02 (duas) Monitoras de Creche, que desenvolvem suas atividades em turmas com crianças com faixa etária de um ano e meio a três de idade.

2.2.Instrumentos de coleta de dados

Optou-se por utilizar dois tipos de instrumentos de coleta: a observação participante e a entrevista.

Na Observação participante podem-se ver em tempo real os fatos que acontecem dentro do espaço escolar. De acordo com Chizzotti, (2005), a observação permite ao pesquisador recolher as ações dos sujeitos em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista.

Ainda segundo Chizzotti, (2005), através da entrevista, o informante é competente para exprimir-se com clareza sobre questões da sua experiência e comunicar representações e análises suas e prestar informações fidedignas, revelando concepções e idéias.

2.3.Procedimentos

No dia quatro de novembro de dois mil e dez, foi realizada uma entrevista com as monitoras, da tarde, da Creche Tia Luisa*, cujo objetivo era verificar se na instituição havia a presença de atos racistas e preconceituosos contra as crianças negras. Para a entrevista com as educadoras foram elaboradas quatro perguntas: Você já presenciou alguma cena de racismo? Como você reagiu ou reagiria diante de uma de racismo? Por que não tem nenhum desenho de negro na sala? E as bonecas, há bonecas negras aqui? Que foram prontamente respondidas por elas. Em seguida, nos direcionamos as crianças, visando identificar a curiosidade delas ao utilizarmos - como instrumento de verificação do racismo na escola - uma boneca de cor negra para perceber a reação das mesmas diante do brinquedo.

A creche Tia Luisa localiza-se no município de Guarabira, na Rua Otacília de Lira Cabral, S/N, Bairro do Rosário. É uma instituição muito organizada, com uma infra-estrutura ampla e agradável. Composta de um refeitório e banheiros, ambos adaptados à faixa etária das crianças (um ano e meio a três); duas salas de aula, bem pequenas, lavanderia, parquinho, sala de vídeo, um salão. . Um ambiente limpo, com paredes bem coloridas. É iluminado e bem arejado. Possui duas turmas: o maternal e o Pré I. Cada turma tem duas monitoras, uma pela manhã, até ao meio dia e a outra à tarde.

3- ANÁLISE

3.1-Racismo na creche Tia Luisa. Será possível?

“Somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função deste, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade”.

*Tia Luisa, creche localizada no município de Guarabira.

(MUNANGA, 2001, p. 7). Partindo dessa compreensão, a escola está carregada de elementos, isto é, de materiais e discurso que reproduzem o modelo branco/eurocêntrico como padrão social e cultural. Mesmo, indiretamente e sem perceber, os professores utilizam expressões que induzem ao racismo e discriminação racial.

As creches e instituições de Educação Infantil, não estão livres desse contexto e devem, desde cedo, começar a desenvolver um trabalho inclusivo e livre de preconceito e discriminação, já que é o lugar onde grande parte das crianças inicia seus primeiros contatos com a vida escolar e social como um todo, além de passar mais tempo lá do que em casa.

Assim, buscando verificar a existência – ou não – de práticas racistas na Educação Infantil, especificamente, na Creche Tia Luisa, fez-se uma entrevista com as monitoras do turno da tarde.

Ao perguntar as educadoras se já haviam presenciado alguma cena de racismo, elas responderam que não. Pois “eles são muito novinhos e não entende isso. E também não tem nenhum negro”.

Depois, uma lembrou que no ano passado havia uma menina de quatro anos, chamada G. e um “menino claro” de quatro anos também, o JV. Segundo elas, o menino não gostava de brincar com a menina porque ela era negra. Ele nem chegava perto dela, evitava-a de todas as formas.

A segunda pergunta feita foi como elas reagiriam diante de uma situação de racismo ou discriminação e responderam que elas faziam de tudo para o JV se aproximar da menina negra, fazendo-o pegar na mão, brincar, sentar perto dela, mas ele não gostava.

Ao chegar à creche, percebe-se logo, pelos desenhos do muro, que é uma instituição alegre, colorida. Ao entrar vê-se que em todas as repartições há desenhos pintados nas paredes, tornando um ambiente harmônico, visualmente, porém, são desenhos de personagens da Disney e outros do mesmo gênero, ou seja, uma reprodução da cultura e personagens branco-europeus e norte-americanos. Além dos desenhos, havia um mural na entrada da creche com fotos de todas as crianças, mas que, segundo as professoras, não eram negras, embora, apresentassem traços físicos diversificados.

Então se perguntou por que não havia nenhum desenho de negro na sala e responderam que o menino (desenhista e pintor) já chegou com os desenhos prontos para pintar e que também elas nunca trabalharam ou se deram conta disso, ou porque não tiveram oportunidade ou por falta de atenção delas. Acrescentaram ainda, que não tinha nenhum negro ou negra, nem mesmo, entre os funcionários. Disseram que só no início do ano tinha “um bem moreninho, do olhinho bem bonitinho”, mas não estudava mais lá.

Preocupada ainda com a ausência de elementos afro-descendentes e materiais naquela instituição, indagou-se sobre as bonecas negras se havia alguma. Elas disseram que não. Nem sabiam da existência de bonecas negras e perguntaram se tinha realmente esse tipo de brinquedo.

Após a realização da entrevista foi entregue às crianças, uma boneca negra, vestida apenas de uma mini blusa. As crianças acharam-na interessantíssima. Todos queriam pegá-la. Houve “briga” e disputa pelo brinquedo. Mas eles não demonstraram nenhum ato de repulsão em relação à cor da boneca. Ficaram mais interessados pelo órgão sexual da boneca, que era bem definido e com características bem reais.

As crianças não fizeram distinção alguma sobre a cor negra da boneca. Mas as crianças não foram as únicas a se interessarem pelo brinquedo. As monitoras também ficaram curiosas pela boneca, pois nunca tinham visto uma boneca negra. Elas também quiseram manuseá-la.

Diante desses acontecimentos, percebe-se que algumas situações evidenciam a manifestação do racismo no cotidiano desta instituição, porém de forma sutil, camuflada. Não entre as crianças, mas entre os funcionários.

Ao negarem a existência de crianças negras nesse local e até mesmo de funcionários, deixa-se transparecer a ideologia da democracia racial, do “racismo à brasileira”. Percebe-se ainda, que as crianças, não apresentam atitudes de discriminação racial, ou porque são pequenas – entre um ano e meio a três de idade – ou porque são quase da mesma cor de pele; a maioria tem o cabelo crespo, ou ainda, porque em casa, talvez não presenciem cenas de discriminação.

Porém o que mais chama a atenção e preocupa é o despreparo das monitoras e a falta de conhecimento das relações étnico raciais. Pois, como elas poderão contribuir com a inclusão social das crianças negras e da aceitação de sua identidade negra, sem os conhecimentos básicos? Como elas poderão promover a igualdade, o respeito entre as crianças; evitar as discriminações se elas, adultas, parecem compartilhar com o mito da democracia racial.

As atitudes das monitoras evidenciam uma prática sutil do racismo no ambiente escolar. As imagens da instituição remetem à valorização e predominância da cultura branca/europeia. Percebe-se certa negligência e negação do povo negro nesta instituição, pois ao afirmar que não se tem negro, está propagando o racismo e contribuindo com a discriminação racial. Ao mesmo tempo, reforça a ideia errônea de que todos são iguais, tem os mesmos direitos e desvalorizam a diversidade étnica - racial e cultural do Brasil.

Portanto, as monitoras, mesmo sem perceber, estão praticando o racismo velado na instituição, oferecendo uma educação que privilegia apenas um grupo social, desconsiderando os demais. As crianças negras não encontram um referencial que possibilite a construção de sua identidade étnica, e que possam se sentir, futuramente, seguras, respeitadas e aceitas por todos.

O racismo é uma construção social, que favorece, entre outros, a desvalorização, o desrespeito e discriminação com as pessoas negras/pardas, “ferindo” e interferindo na construção do “eu” dos agredidos. As crianças negras precisam ser valorizadas pelos seus aspectos físicos e caráter, não só por suas habilidades educacionais e obediência, para que possam se aceitar como são realmente. E, as educadoras, devem cuidar, não só da higiene, alimentação, educação como um todo, mas também da auto-estima das crianças, ensinando-lhes o respeito às diferenças e a diversidade étnico-cultural desde os primeiros contatos com a escola e convívio social independente da cor, religião e classe social.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o discurso atual tenha procurado promover a igualdade entre as pessoas, valorizar a cultura africana e respeitar as diferenças, o racismo ainda está enraizado nas mentes e na cultura dos brasileiros; ainda se valorizam muitos dos padrões culturais europeus, como sendo universal e verdadeira constituinte de uma sociedade bem desenvolvida, como se observou na instituição da pesquisa.

Vivemos numa sociedade racista e discriminadora, basta assistir aos telejornais que veremos cenas de violência, de discriminação e racismo contra os afro-descendentes, ou observar um recreio de uma escola.

Às vezes sem perceber e talvez, inconscientemente, têm-se atitudes racistas e discriminatórias. Alguém é racista até mesmo quando se nega a existência do racismo ou que tenha atitudes racistas; quando alguém diz não ser ou não ter racismo, porém ao fazer isso, está contribuindo para que o racismo se propague ainda mais nas mentes brasileiras.

Isto é evidente no discurso das monitoras da creche Tia Luisa, pois afirmaram não existir crianças negras naquela instituição, como se a nossa sociedade fosse constituída apenas de brancos. Ao dizer isso, elas estão reproduzindo o discurso europeu, negando a existência

do povo negro na formação dos brasileiros. Mesmo sem perceber, elas reforçam a doutrina racista do século XX.

Percebe-se ainda a presença do racismo sutil quando elas se referem a um menino negro como: “um bem moreninho, do olhinho bem bonitinho”. Esse tipo de expressão torna-se um problema, já que vigora no nosso país, uma hierarquia racial, formada por um padrão branco, onde, quanto mais você se assemelhar a esse padrão melhor. Assim, as pessoas se expressam sempre com palavras diminutas para se referirem aos afro-descendentes.

O racismo, o preconceito e a discriminação, estão presentes no cotidiano escolar e nos materiais e apoios pedagógicos, inclusive da creche observada, mesmo que de forma indireta e sutil.

É preciso desconstruir essas idéias e os mitos; aceitar e valorizar a cultura de cada grupo; respeitar as diferenças e os outros, independentemente das suas características físicas; desfazer os estereótipos; “desprogramar” as mentes dos professores, principalmente, e as mentes dos alunos; reparar os equívocos em relação aos negros. Pois para uma criança se aceitar como é, ela precisa de um referencial, que muitas vezes é um professor ou um colega.

Como diz na epígrafe, a criança aprende aquilo que ela vivencia. Se a criança vivenciar ou viver e frequentar ambientes em que todas as pessoas são respeitadas, independente da sua cor ou classe social, ela crescerá, respeitando e valorizando a si mesma como também os outros.

Portanto, é fundamental que as educadoras de Creches e Educação Infantil, também possam ter formação especializada e adequada, tanto quanto as da Educação Fundamental, para que as crianças aprendam desde cedo a valorizar a diversidade cultural e étnico-racial do povo brasileiro.

5-RACISM AND DISCRIMINATION IN THE INFANTILE EDUCATION: A CAMOUFLAGED REALITY

ABSTRACT: With the enslavement of the Africans several myths appeared about a supposed inferiority of the black in relation to the white, as form of demonstrating that they were and they are inferior to the whites. “The fact of being white was assumed as normative human condition and the one of being black needed a scientific explanation” (MUNANGA, 1984). With that several expressions preconceituosas were disseminated in the black's coexistence with the white, causing the racial discrimination and the racism. This article has for objective to discuss the racism in the society and in the schools, specifically in a day care, as form of helping to develop a critical conscience in the teachers and in the students, since “it is paper

of the school, in democratic and committed way with the human being promotion in your integrity, to stimulate the formation of values, habits and behaviors that respect the differences and the own characteristics of groups and minorities” (RIBEIRO, 2004). . Even in the infantile education, it is necessary to render the attention for the practices racists, although that a lot of times, unconscious pareçam/sejam. For that, he/she took place an interview with you monitor them of a day care, to verify the possible practices of racism and existent discrimination in the infantile education. It is ended that in the infantile education some practices racists were observed.

KEYWORDS: RACISM–PREJUDICE–RACIAL DISCRIMINATION–INFANTILE EDUCATION

REFERÊNCIAS

BARROS, Célia Silva Guimarães. Pontos de Psicologia Escolar. São Paulo: Ática, 2007. (Série Educação)

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; D’ADESKY, Jacques. Racismo, preconceito e intolerância. São Paulo: Atual, 2002. (Espaço e debate)

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Biblioteca da Educação. Série 1 – Escola; v. 16).

MEC - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

FAZZI, Rita de Cássia. O drama racial de crianças brasileiras: Socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

GONSALVES, Elisa Pereira. Iniciação à Pesquisa Científica. 4 ed. Campinas, SP: Alínea, 2007.

MUNANGA, Kabengele. Raízes científicas do mito do negro e do racismo ocidental. Temas IMESC. São Paulo: Soc. Dir. Saúde, 1984.

_____ O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006. (Coleção para entender).

_____ (org.). Superando o Racismo na Escola. 3 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

MEC/SEF–PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: SEF, 1997.

_____ Temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: SEF, 1997

SANTOS, Joel Rufino dos. O que é Racismo. São Paulo: Braziliense, 2005. (Coleção primeiros passos).

SILVA, Liliane Tavares. Imagem e Racismo – Racismo na Propaganda da Benetton. In: LINS, Juarez Nogueira (org.). Literatura, Imagem e Negritude. João Pessoa/PB, 2009.

SILVA, Maria Aparecida (Cidinha) da. Formação de Educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.